



Os diferentes Níveis de Realidade

Américo Sommerman

CETRANS - Escola do Futuro da USP

Para que possamos falar a respeito dos diferentes níveis de realidade, um dos três pilares atuais da metodologia transdisciplinar (1. complexidade, 2. a lógica do terceiro incluído e 3. os diferentes níveis de realidade) e, em seguida, possamos empreender um diálogo transcultural (o que será feito pelo Márcio Lúpcion), convém que façamos antes uma rápida viagem histórica: retornemos ao século XIII, sobrevoemos os séculos seguintes, pousemos no século XVII, levantemos vôo novamente e pousemos no século XIX, a fim de, com isso, mapearmos algumas das raízes históricas tanto do pensamento disciplinar que conhecemos e que dominou a educação nos últimos cem anos, como do pensamento transdisciplinar que está emergindo e que é o tema deste Primeiro Seminário Inter e Transdisciplinar da UNIFIEO (Universidade de Osasco), organizado pela Profa. Mariana Lacombe.

Pairaremos, então, num vôo rasante, sobre as cabeças da elite intelectual desses últimos sete séculos, detendo-nos apenas em três momentos fundamentais, nos quais ocorreram grandes mudanças, grandes rupturas epistemológica, grandes mudanças no que diz respeito à teoria do conhecimento: no que diz respeito ao conhecimento considerado verdadeiro. Essas mudanças, essas rupturas estão na origem de todas as correntes do pensamento ocidental moderno e contemporâneo.

Até o século XIII, o Ocidente ainda era uma sociedade que pode ser chamada de tradicional. Uma sociedade tradicional é aquela na qual o mito e o rito consideram a realidade como sendo composta por diferentes níveis e o ser humano como dotado de diferentes níveis de percepção, de diferentes faculdades cognitivas correspondentes aos diferentes níveis de realidade. No que diz respeito aos níveis do sujeito cognoscente, até o século XIII, o ser humano era considerado como constituído de três níveis ou elementos principais: corpo, alma e espírito, cada um dos quais dotados de faculdades específicas para a apreensão do nível de realidade correspondente. Bem a grosso modo: corpo - os cinco sentidos; a alma - a intuição, a memória, a imaginação e a razão; o espírito - a inteligência, a contemplação e a revelação. Até aquele momento, a faculdade humana considerada mais nobre era aquela mais abstrata, mais capaz de apreender os primeiros princípios metafísicos. Essa faculdade era a inteligência. E a experiência mais elevada de apreensão da realidade era aquela encontrada no êxtase e na revelação, na qual o próprio Princípio Primeiro se revelava diretamente ao ser humano ou se revelava indiretamente, através de uma de suas teofanias (formas divinas) ou angeofanias (formas angélicas). Todas as sociedades chamadas tradicionais do Oriente e do Ocidente apoiaram-se ou apoiaram-se numa epistemologia como essa. E todas elas sempre consideraram a perda desses referenciais cognitivos e perceptivos como uma decadência de sua cultura e o sinal da proximidade do fim de uma civilização.

No entanto, no século XII, com a retomada de Toledo e de grande parte da Espanha pelos cristãos, depois de três séculos de domínio muçulmano, ocorre um fato que teve grandes consequências para o futuro do pensamento europeu e ocidental posterior: os filósofos gregos são traduzidos em massa do árabe ao latim e, no século XIII, as traduções das obras de Aristóteles e os comentários a elas escritos pelo filósofo espano-árabe Averróis (ensinados na Universidade de Paris, mas criticados por Tomás de Aquino, titular da

cátedra dominicana) - materializantes e racionalizantes - começam a suscitar uma grande ruptura na teoria do conhecimento e surge na Escolástica (na filosofia cristã da Idade Média) uma corrente que passa a negar a realidade dos universais: a existência do mundo das idéias antes ou independente das coisas, e, além disso, a imortalidade da alma individual. Trata-se da escola Nomina-lista (de tendência aristotélico-averroísta), cujo maior expoente foi Guilherme de Okcham (1285-1349), que se contrapôs à escola Realista (de tendência platônica e neoplatônica) e que predominara na Esco-lástica até aquele momento. Com isso, surge no Ocidente a semente do pensamento dualista - no qual o homem é considerado com constituído não por três níveis principais, mas apenas por dois: corpo e espírito -, que no século XVII eclodirá plenamente e se tornará, a partir de René Descartes (1596-1650), o pensamento dominante.

Embora tanto Ockham como, mais tarde, Descartes - dois dentre os principais nomes do pensamento dualista - afirmassem a existência de Deus e a existência no homem de diversas almas (psykhés) ou níveis da alma (vegetativa, concupiscente e racional), bem como a existência no homem de um elemento transcendente: o spiritus - seguindo Aristóteles -, afirmavam que o ser humano não era capaz de experimentar a transcendência em vida, nem subsistia como individualidade após a morte. Outra consequência disso é que, no século XVII, a razão passa a ser considerada a faculdade principal e mais nobre por grande parte da elite intelectual, uma vez que grande parte dessa elite já não acredita na possibilidade da apreensão direta das essências (ou das idéias arquetípicas) pela inteligência, nem na possibilidade da contemplação direta destas pelo êxtase, nem na possibilidade da revelação divina. É o momento da razão triunfante e da instauração da epistemologia racionalista.

A segunda grande ruptura epistemológica ocorreu no século XIX, como uma consequência inevitável da ruptura anterior. Pois se, como passou a ser afirmado, não era possível experimentar a transcendência em vida, nem sobreviver como indivíduo após a morte, grande parte da elite intelectual daquela época achou melhor descartar completamente tudo o que era da ordem da transcendência e dos princípios metafísicos e ficar apenas com o que era sensível. Emergiram ou reemergiram então as epistemologias positivista (segundo a qual a única fonte válida do conhecimento humano são os fatos imediatos da experiência sensível organizados pelas ciências), empirista (segundo a qual a única fonte do conhecimento humano é a experiência factual), sensualista (segundo a qual a única fonte do conhecimento humano é a experiência sensível) - contrariamente ao racionalismo, que afirmava ser a razão a verdadeira fonte do conhecimento - e instaurou-se o pensamento reducionista, ou o monismo materialista, que descartou do sujeito também o espírito e ficou apenas com o corpo. O ser humano passou a ser visto como um corpo máquina, análogo ao universo máquina postulado pelo cientificismo e pelo mecanicismo então triunfantes. O universo passou a ser visto como fruto do mero acaso da interação das partículas e o ser humano como fruto da "simples evolução natural".

Essa tremenda redução do sujeito levou a humanidade a um tremendo avanço tecnológico, que trouxe muitas riquezas materiais, mas às custas de uma tremenda redução do real. A perda do sentido profundo da vida, resultante desse achatamento, é responsável pelo grande sofrimento moral da humanidade atual.

Essa epistemologia reducionista reina até hoje na educação, e, se no século XIX ela foi a raiz do positivismo, do cientificismo, do mecanicismo, do niilismo, etc., no século XX ela foi a raiz do capitalismo, do comunismo, do fascismo, do nazismo, etc.

Se as descobertas da física do início do século invalidaram a epistemologia reducionista e mecanicista, uma vez que foi comprovada experimentalmente (ou seja, dentro do âmbito do que é considerado como conhecimento verdadeiro pelo conceito de ciência da época) a existência de ao menos dois níveis de realidade: o macrofísico e o microfísico, regidos por leis diferentes, é possível e necessário que seja retomado um diálogo com as epistemologias anteriores. Os ouvidos podem ser destapados e podemos escutar, respeitosamente, o que elas tem a nos dizer a respeito deste pilar atual da metodologia transdisciplinar: os diferentes níveis de realidade.

Dentre os grandes autores do passado que poderiam ser nossos interlocutores neste diálogo, optei por Plotino, o grande platônico do século III d.C., considerado o pai do que se convencionou chamar de neoplatonismo, por ser o último grande florescimento do pensamento de Platão antes do fechamento da Academia no século VI d.C. pelo Imperador Justiniano.

Tal escolha não decorreu de eu ter traduzido ao português 12 dos 54 tratados escritos por Plotino; ao contrário, o imperativo que senti de traduzi-los é que decorreu de eu ter percebido, ao primeiro contato, que neles se achava uma das descrições mais claras e rigorosas dos diferentes níveis de realidade e dos diferentes níveis de percepção jamais escritas em toda a história do Ocidente.

Plotino nasceu em Licópolis, no Egito, em 205 d.C., e morreu em Roma, em 270. Alguns autores afirmam que os pais de Plotino eram egípcios helenizados, outros, que eram romanos, mas, devido aos poucos dados biográficos, provavelmente nunca se saberá ao certo. Praticamente nada se sabe de sua vida até os 28 anos, quando foi para a cidade egípcia de Alexandria, maior centro cultural daquela época, a fim de estudar filosofia. Porfírio, seu discípulo, biógrafo e editor nos conta que, após ter ouvido vários deles e se decepcionado, um amigo o conduziu ao platônico Amônio Sacas (Alexandria 175-242 d.C.), cuja exposição o agradou imediatamente de tal modo que ele teria exclamado: "Eis o homem que eu procurava". A partir desse dia, freqüentou assiduamente as aulas de Amônio até a morte deste, per-fazendo assim 11 anos de discipulado. Amônio não deixou nenhum texto escrito e seus discípulos principais - entre os quais, Orígenes de Alexandria, um dos primeiros Pais do cristianismo pós-apostólico - comprometeram-se a não divulgar abertamente os ensinamentos que dele receberam. Após a morte de Amônio, desejando ter um contato direto com a sabedoria oriental, Plotino juntou-se ao exército do Imperador romano Marco Antônio Górdio, que partia em direção ao Oriente para combater os avanços do Rei persa Sapor I na Mesopotâmia (atual Iraque). Praticamente nada se sabe de suas experiências e contatos com a cultura oriental durante os dois anos em que acompanhou o deslocamento do exército romano. Com o assassinato do Imperador dois anos mais tarde e o fracasso da expedição, Plotino refugiou-se em Antioquia e depois, em 245, dirigiu-se a Roma, onde estabeleceu-se definitivamente e onde teria encontrado outro filósofo que o influenciou: Numênio, filósofo grego, neopitagórico, de origem Síria.

Pouco tempo após sua chegada em Roma fundou uma escola de filosofia, que dirigiu até pouco antes de sua morte. Sua escola era um pouco diversa da Academia de Platão, pois os cursos eram abertos a homens e mulheres e a única coisa necessária era que os alunos já tivessem uma formação filosófica anterior. Porfírio conta que entre os seus ouvintes havia médicos, filósofos, escritores, poetas, senadores, além de muitos homens e mulheres da nobreza, encimados pelo próprio Imperador e sua esposa, Galieno e Salonina, que tinham grande respeito e estima por Plotino. Em suas aulas, eram comentadas as obras dos grandes filósofos, em especial as de Platão e Aristóteles; eram combatidas muitas das confusas e equivocadas doutrinas gnósticas; era estimulado o recolhimento espiritual.

Plotino só começou a escrever aos 49 anos, após vinte anos de estudo e ensino de filosofia. Seu biógrafo nos conta que ele não relia nem revisava seus escritos, que não tinha nenhuma preocupação com a ortografia, mas apenas com o sentido, e que quando os escrevia não fazia nenhuma pausa. Escreveu 54 tratados, que foram agrupados e editados por Porfírio em seis capítulos, compostos de nove tratados cada um e intitulados, por isso, de "Enéadas", pois nove, em grego, é *ennéa*. Na primeira Enéada agrupou os que tratavam da moral; na segunda, da física ou da cosmologia; na terceira, da relação entre as coisas e o cosmos; na quarta, da Alma; na quinta, das três primeiras hipóteses (o Ser, a Inteligência e a Alma) e das idéias; na sexta, do Ser, do Bem e do Uno.

Citando as claras palavras do filósofo e teólogo argentino Ismael Quiles, que realizou a primeira tradução de tratados de Plotino ao espanhol em 1947 (PLOTINO, *El alma, la belleza y la contemplación*, Buenos Aires, Depalma, 1987, p.1): "Depois de Aristóteles e Platão, Plotino é sem dúvida alguma o mais profundo dos filósofos helênicos; e, em alguns aspectos, é mais elevado e mais humano que eles".

Como não é possível descrever nem mesmo resumidamente aqui o pensamento de Plotino, os interessados poderão consultar algumas das obras citadas na bibliografia. Apresentarei a seguir apenas um gráfico descrevendo, de maneira sumária e um tanto quanto simplificadora, os diferentes níveis de realidade e as faculdades cognitivas correspondentes segundo o pensamento do grande neoplatônico:

Os níveis de realidade As faculdades cognitivas ou os modos de percepção

O Uno O êxtase

O Mundo Inteligível (as Idéias arquetípicas) A Inteligência (nous)

A Alma do Mundo (as Almas - psykhés - celestes, imortais) A Intuição (reminiscência)

O Mundo do Devir (as almas - psykhés -hipostasiadas, mortais) A Razão (logos)

A Matéria Sensível Os Sentidos

Bibliografia:

AL-JABRI, M. A. Introdução à crítica da razão árabe. São Paulo: UNESP, 1999.

ASSAGIOLI, R. O ato da vontade. São Paulo: Cutrix, 1993.

BOEHME, J. A revelação do grande mistério divino. São Paulo: Polar, 1997.

_____. A sabedoria divina. São Paulo: Attar, 1994

BRUN, J. O neoplatonismo. Lisboa: Edições 70, 1991.

CORBIN H. Le paradoxe du monothéisme. Paris: Ed. de l'Herne, 1981.

_____. Corps spirituel et terre céleste. Paris: Buchet Chastel, 1979.

_____. Terre céleste et corps de réssurrection. Paris: Buchet Chastel, 1961.

DE LIBERA, A. A filosofia medieval. São Paulo: Loyola, 1998.

DURAND, G. O Imaginário. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

ÉLIADE, M. Tratado da história das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GILSON, E. História da filosofia cristã. Petrópolis: Vozes, 1991.

HESSEM, J. Teoria do Conhecimento. Coimbra: Armênio Amado, 1970, 5a ed.

LUPASCU S. L'energie et la matière vivante. Monaco: Rocher, 1987.

_____. Le principe d'antagonisme et la logique de l'énergie. Monaco: Rocher, 1987.

_____. L'univers psychique - la fin de la psychanalyse. Paris: Denoel-Gonthier, 1979

_____. Du devenir logique et de l'affectivité. Paris: Vrin, 1973.

MORIN, E. O método 3. O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre : Sulina, 1998.

NARBONNE, J. La méthaphysique de Plotin. Paris: J. Vrin, 1994.

NICOLESCU, B. O manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1999.

_____. Ciência, Sentido e Evolução - a cosmologia de Jacob Boehme. São Paulo: Attar, 1995.

PAUL, P. Os Diferentes Níveis de Realidade entre Ciência e Tradição. In:

<<http://www.cetrans.futuro.usp.br>>.

_____. Os diferentes níveis de realidade - o paradoxo do nada. São Paulo: Polar, 1996.

PERRY, W. A treasury of traditional wisdom. New York: Paperback, 1992.

PLOTINO. Tratados das Enéadas. São Paulo: Polar, 2000.

PLOTINO. El alma, la belleza y la contemplación. Buenos Aires: Depalma, 1987.

RANDOM, M. O Pensamento Transdisciplinar e o Real. São Paulo: Triom, 2000.

SCHAYA, L. La création en Dieu à la lumière du judaïsme, du christianisme et de l'islam. Paris: Dervy-Livres, 1983.

SCHUON, F. Logic and transcendence. Perennial Books, 1984.

ZUKAV, G. Uma visão geral da nova física. São Paulo: ECE, 1989.